

Empreendedorismo no Setor Turismo: Evidência da **Dinâmica Empresarial** em Portugal

Entrepreneurship in Tourism Industry: Evidence of **Business Dynamics** in Portugal

OSCARINA CONCEIÇÃO * [oconceicao@ipca.pt]

VÂNIA COSTA ** [vcosta@ipca.pt]

Resumo | O empreendedorismo e a criação de novas empresas revelam-se cruciais para o crescimento económico e a competitividade dos países. Os indicadores de empreendedorismo, como a taxa de entrada de novas empresas e a densidade empresarial de novas empresas, estão relacionados com o PIB *per capita* e o desenvolvimento financeiro dos países. O setor do turismo, pela sua transversalidade, é um impulsionador do crescimento económico e do desenvolvimento regional. A crescente importância do setor do turismo na economia Portuguesa revela crucial analisar o seu tecido empresarial e compreender os seus padrões de entrada e saída de empresas. Neste estudo pretende-se evidenciar a dinâmica empresarial do setor do Turismo em Portugal na última década. Analisando os segmentos de atividade económica que constituem o setor do turismo (Alojamento e Restauração; Atividades Recreativas e Culturais; Transportes e Logística) verificamos que estes apresentam padrões distintos no que concerne às taxas de crescimento, às maturidades e aos índices de concentração empresarial. Esta especificidade do setor do turismo é também constatada na análise das entradas e saídas por segmento. De facto, nas Atividades Recreativas e Culturais a taxa de turbulência é bastante elevada, ao contrário dos Transportes e Logística, caracterizado por uma reduzida taxa de turbulência em face dos seus elevados índices de concentração.

Palavras-chave | Empreendedorismo, dinâmica empresarial, entrada de novas empresas, indústria do turismo, estrutura empresarial do setor do turismo

Abstract | Entrepreneurship and the creation of new businesses are crucial to economic growth and competitiveness of the countries. The entrepreneurship indicators such as the rate of entry of new companies and entry density, are related to GDP *per capita* and the financial development of the countries.

* **Doutora** em Economia pela Universidade do Minho. **Docente** na Escola Superior de Gestão do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave. **Investigadora** no DINAMIA'CET - Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território, do ISCTE-IUL.

** **Doutora** em Economia pela Universidade de Vigo. **Estudante de Pós-Doutoramento** em Turismo na Universidade de Aveiro. **Docente** na Escola Superior de Gestão do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave. **Investigadora** na Unidade de Investigação Governança, Competitividade e Políticas Públicas (GOVCOOP) no grupo Turismo e Desenvolvimento.

The tourism sector, for its cross-cutting, is a driver of economic growth, and regional development. The growing importance of the tourism sector in the economy of Portugal reveals crucial scan your business tissue and understand their input and output patterns. This study aims to highlight the dynamic business in Portuguese tourism sector in last decade. Analysing the various segments of economic activity that constitute the sector of tourism (Accommodation and catering; Transport and logistics; Recreational and Cultural Activities) we find that they have different patterns in terms of growth rates, maturities and business concentration *ratio*. This specificity of the tourism sector is also verified in the analysis of the entry and exit by segments. In fact in Recreational and Cultural Activities the turbulence rate is quite high, unlike Transport and Logistics, characterized by a reduced rate of turbulence due to its high concentration *ratio*.

Keywords | Entrepreneurship, dynamic business, entry and exit, the tourism industry, the tourism industry's business structure

1. Introdução

O empreendedorismo e a criação de novas empresas revelam-se cruciais para o crescimento económico e a competitividade dos países (Aghion et al., 2009; GEM, 2016; Klapper, Laeven & Rajan, 2006; Banco Mundial, 2010; Sternberg & Wennekers, 2005). Com base nos dados da *World Bank Entrepreneurship Survey*, Klapper et al. (2007) evidenciam que os indicadores de empreendedorismo, como a taxa de entrada de novas empresas e a densidade empresarial de novas empresas, estão relacionados com o PIB per capita e o desenvolvimento financeiro dos países. Segundo os autores, os países mais industrializados apresentam as mais elevadas taxas de entrada de novas empresas. Em contrapartida as taxas de entrada de novas empresas apresentam os valores mais baixos como nos países africanos, Sul da Ásia e América Latina.

O turismo é um dos setores mais relevantes e dinâmicos da atividade económica, apresentando um elevado efeito multiplicador de crescimento e desenvolvimento regional e um contributo para o aumento do bem-estar económico das populações locais e, atualmente é visto como impulsionador

de recuperação da crise económica que a economia mundial atravessa (Archer, 1995; Ashley et al. 2001; Brohman 1996; Davis, Allen, & Consenza, 1988; Durbarry, 2004; Khan, Seng & Cheong, 1990; Sharpley & Telfer 2002; Webster & Ivanov, 2014). Este setor é caracterizado, cada vez mais, por mudanças nos mercados e preferências dos consumidores, (Cooper, 2006). Consequentemente, os produtos e os processos do turismo estão em constante alteração, numa escala crescente e, manifestam-se ao nível individual, empresarial, *resorts* turísticos, destinos ou sistemas turísticos nacionais.

Neste estudo pretende-se analisar a dinâmica empresarial do setor do turismo em Portugal na última década, evidenciando as tendências dos segmentos que constituem o setor. A crescente importância do setor do turismo na economia Portuguesa (Banco de Portugal, 2014) revela crucial analisar o seu tecido empresarial e compreender os seus padrões de entrada e saída de empresas. Com base na Informação Empresarial Simplificada (IES) da Central de Balanços do Banco de Portugal, procedeu-se à análise e tratamento de dados referentes à totalidade das empresas do setor do

turismo em Portugal. Para este estudo foram analisados os indicadores de empreendedorismo, nomeadamente o total de empresas, o número de novas empresas, a densidade empresarial a densidade empresarial de novas empresas, a taxa de entrada de novas empresas e a taxa de mortalidade.

Tendo em conta os objetivos da investigação, este estudo foi estruturado em cinco partes. Após a introdução, a segunda secção aborda o empreendedorismo no contexto do setor do turismo; na terceira secção surge a metodologia de investigação aplicada; o quarto ponto dedica-se ao estudo do empreendedorismo no setor do turismo no contexto do território Português; na quinta e última secção são apresentadas as principais conclusões deste estudo.

2. Empreendedorismo no Turismo

A importância do empreendedorismo no dinamismo da economia e no desenvolvimento regional tem sido objeto de vários estudos (Baptista, Escaria & Madruga, 2008; Barseghyan, 2008; Klapper, et al., 2006; Djankov, McLiesh & Ramalho, 2006; Hause & Rietz, 1984). O conceito de empreendedorismo está intrinsecamente associado à inovação e introdução de novas tecnologias (Schumpeter, 1934). Esta inovação traduz-se na introdução de novos produtos, novos serviços, novos processos produtivos e organizacionais e entrada em novos nichos de mercado (Baumol, 1993; Schumpeter, 1934). Noutra perspetiva alguns autores enfatizam na definição de empreendedorismo, a identificação de oportunidades lucrativas e a existência de características empreendedoras por parte dos indivíduos (Morrison, 2006; Shane & Venkataram 2000; Venkataram, 1997). Os empreendedores são considerados indivíduos que criam uma empresa a partir da identificação e exploração de oportunidades de negócio num mercado específico revelando-se cruciais as competências empreende-

doras (Kirzner, 1973; Venkataram 1997; Sarkar, 2007). De acordo com *Global Entrepreneurship Monitor* (2015) os padrões de empreendedorismo revelam-se distintos em países com níveis económicos similares, evidenciando que os índices de empreendedorismo não são apenas influenciados pelos níveis de desenvolvimento económico (GEM, 2016).

No que concerne à análise de entradas e saídas de empresas, Geroski (1995), evidencia que a taxa de entrada de novas empresas está positivamente correlacionada com a taxa de mortalidade empresarial. Segundo o *Global Entrepreneurship Monitor 2015* mais de um terço dos adultos em idade ativa, em média, considera que se sentem constrangidos em iniciar um negócio devido ao medo do fracasso (GEM, 2016). O mesmo relatório destaca que os elevados índices de mortalidade de empresas podem sinalizar que os empresários iniciaram empreendimentos que não são viáveis ou que eles não têm a capacidade para criar sustentabilidade a longo prazo para seus negócios.

A literatura evidencia que a mortalidade empresarial é influenciada por i) características dos empreendedores, nomeadamente a sua idade (Cressy 1996), as suas qualificações (Geroski, Mata & Portugal, 2010; Gimmon & Levie, 2010); ii) características da empresa como a sua idade (Agarwall & Audretsch, 2001; Geroski et al., 2010; Mahmood, 2000; Mata, Portugal & Guimarães, 1995), a sua dimensão (Audretsch, 1991; Mahmood, 2000), curva de aprendizagem (Lieberman, 1989); iii) características do setor, nomeadamente turbulência (Mata 1996), o nível de concentração (Geroski et al., 2010; Wagner, 1994), o ser capital ou trabalho-intensivo (Wagner, 1994), a capacidade inovadora e regime tecnológico (Agarwall, 1996; Audretsch, 1995; Dunne, Roberts & Samuelson, 1988).

O estudo do empreendedorismo no contexto do setor do turismo surgiu, de acordo com Carmichael e Morrison (2011), há aproximadamente três décadas (Pickering, Greenwood & Hunt, 1971;

Kibedi, 1979; Stallibras, 1980; Cohen, 1989; Williams, Shaw & Greenwood, 1989). E, segundo Ateljjevic e Page (2009) ganhou algum impulso com os estudos de Thomas (1998) e Morrison, Rimmington e Williams (1999). Ao longo dos tempos vários estudos têm surgido com uma abordagem ao empreendedorismo no turismo e a sua evolução (Harrison & Leitch, 1996; Aldrich & Baker, 1997; Busenitz, West, Shepherd, Nelson & Zacharakis, 2003).

Do ponto de vista do empreendedorismo, o setor do turismo surge num contexto específico, quer em termos de oportunidades empresariais, quer pelo seu processo produtivo, o que o distingue das restantes indústrias. Pela complexidade da indústria e da diversidade do seu tecido empresarial é necessário compreender a sua estrutura. A classificação empresarial do setor do turismo baseia-se na tipologia das atividades oferecidas, concretamente o Alojamento e Restauração (AR), as Atividades Recreativas e Culturais (ARC) e os Transportes e Logística (T&L) conforme a Classificação Portuguesa das Atividades Económicas (CAE) (Banco de Portugal, 2014).

Neste sentido e, com base nas diretrizes teóricas, foram sintetizadas as seguintes hipóteses de investigação:

Hipótese 1 (H1): A dinâmica empresarial do Turismo é semelhante aos padrões identificados para a média nacional ?

Hipótese 2 (H2): Os segmentos que constituem o setor do Turismo, pela especificidade das suas atividades, apresentam dinâmicas empresariais distintas entre si?

3. Metodologia

Com base na Informação Empresarial Simplificada (IES) da Central de Balanços do Banco de Portugal e para analisar as distintas vertentes da

dinâmica empresarial foi utilizada a metodologia proposta no Eurostat/OECD (2007). Relativamente às entradas de empresas destacam-se os seguintes indicadores: o total de empresas: o número de empresas registadas, em cada país, no final do ano; as novas empresas: número de novas empresas registadas durante o ano; a densidade empresarial: rácio das empresas registadas sobre a população ativa em milhares de habitantes; a taxa de entrada de novas empresas: rácio de novas empresas/total de empresas; a densidade empresarial de novas empresas: rácio de novas empresas/população ativa em milhares de habitantes.

Relativamente às saídas de empresas consideram-se: o número das empresas “mortas”; a taxa de mortalidade empresarial: rácio de empresas “mortas”/total de empresas. A taxa de turbulência é calculada pelo somatório da taxa de natalidade com a taxa de mortalidade.

4. Empreendedorismo no Turismo em Portugal

4.1. Caracterização do setor do Turismo em Portugal

Analisando a evolução do número de empresas a operar no Turismo verifica-se uma tendência crescente a partir de 2003, ano que o setor representa 12,5% das Sociedades Não Financeiras (SNF) em Portugal. Entre 2003 e 2006 regista-se que as taxas de crescimento no setor atingem os 5,5% (figura 1). A partir de 2007 as taxas de crescimento de empresas no Turismo abrandam até 2011, registando-se em 2012 o valor mais baixo (0,6%). Em 2013, em consonância com o clima de recuperação da economia Portuguesa, regista-se uma taxa de crescimento de 10,5% no número de empresas a operar no setor do turismo

num total de aproximadamente 53000 empresas representando 12.8% do número total de SNF em Portugal.

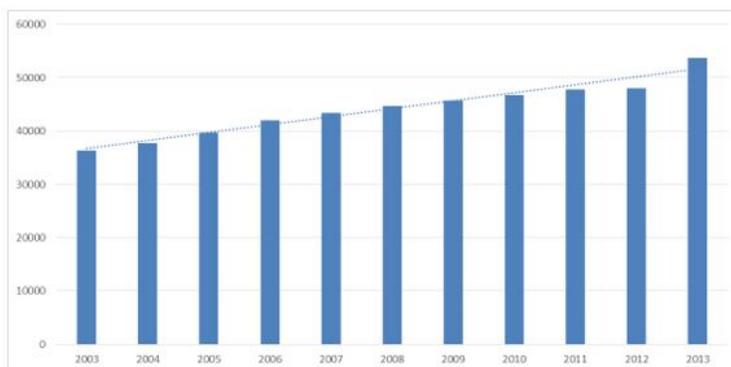


Figura 1 | Evolução do número de empresas ativas no turismo (2003 a 2013)
Fonte: Elaboração Própria baseado na IES – Banco de Portugal.

As microempresas, tal como nos restantes setores, dominam o setor turístico europeu das PME (Thomas & Augustyn, 2013), concretamente correspondem a 94,03% de todas as empresas que operam neste setor da economia (figura 2). Com-

parativamente, as pequenas empresas representaram 5,86% das unidades economicamente ativas e apenas 0,10% empresas do total do setor do turismo apresentam a estrutura média empresarial.

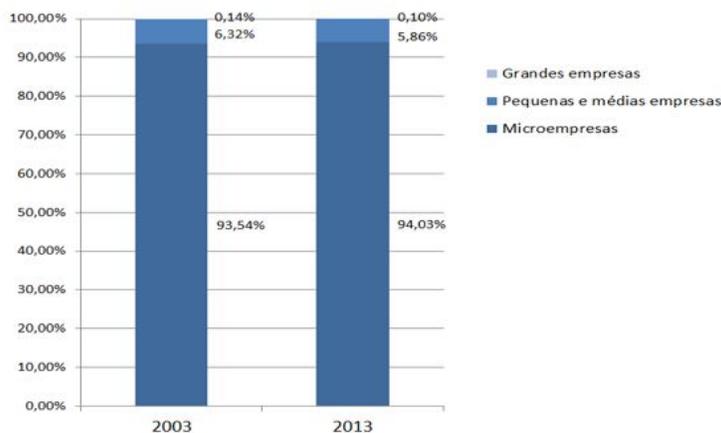


Figura 2 | Dimensão das empresas do setor turismo (2003 vs 2013)
Fonte: Elaboração Própria baseado na IES – Banco de Portugal.

Considerando a divisão territorial administrativa portuguesa “Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos” (NUT), o tecido empresarial do setor do turismo Portugal é constituído por regiões heterogéneas. Em 2013 aproximadamente 38% das empresas turísticas

concentravam-se na região de Lisboa, 26% na região Norte, 18% na região Centro, 8% no Algarve, 5% na Madeira, 3% no Alentejo e 1,5% nos Açores (figura 3). Entre 2003 e 2013, as regiões do Norte, Centro, Açores e Algarve apresentaram um ligeiro crescimento na representatividade geográfica do

tecido empresarial do turismo, contrariamente à região de Lisboa.

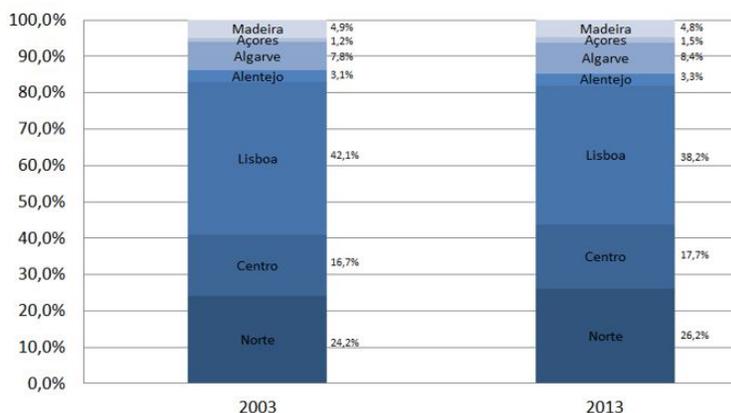


Figura 3 | Distribuição geográfica do tecido empresarial por Região de Turismo (2003 vs 2013)
Fonte: Elaboração Própria baseado na IES – Banco de Portugal.

4.1.1. Comparação por segmentos

De acordo com o Banco de Portugal (2014) o setor do turismo inclui as empresas que operam em 61 segmentos de atividade económica, concretamente 12 no âmbito dos Transportes e Logística (T&L), 32 no segmento do Alojamento e Restauração (AR) e ainda 17 nas Atividades recreativas e culturais (ARC).

Analisando o peso dos diferentes segmentos verifica-se que o segmento “AR” representa a grande maioria das empresas embora o seu peso tenha diminuído em 2013 face a 2003. Em 2013 o segmento “AR” representa 56% do número de empresas, seguido dos segmentos T&L” e “ARC” que representam 28% e 16%, respetivamente (figura 4). De igual modo se analisarmos o número de trabalhadores verificamos o grande peso do segmento de “AR”. Em 2013, o segmento “AR” emprega 72% dos trabalhadores, seguido dos segmentos T&L” e “ARC” que representam 18% e 10%,

respetivamente. Analisando o volume de negócios, verificamos que o segmento de “AR” apesar de ter o maior número de empresas e o maior número de trabalhadores representa apenas 40% do volume de negócio do setor. Importa realçar que no segmento de “T&L” o volume de negócio representa cerca de 40% apesar de representar apenas 18% do número de trabalhadores (em 2003 e 2013). Analisando as 10 maiores empresas a operar neste segmento verifica-se que estas representam 44% e 43% do total do volume de negócio do segmento em 2003 e 2013, respetivamente, verificando-se deste modo um elevado nível de concentração neste segmento (quadro 1).

No que respeita aos índices de concentração o setor do turismo engloba por um lado um dos setores menos concentrados em Portugal- o Alojamento e Restauração – e por outro um dos setores mais concentrados – os Transportes Aéreos (Sarmiento & Nunes, 2015).

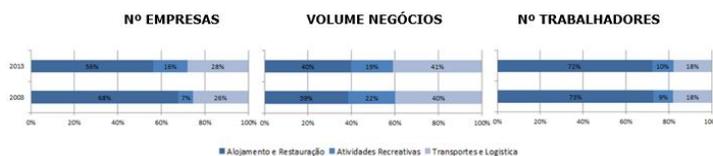


Figura 4 | Evolução do número empresas ativas / volume negócios / nº trabalhadores por segmento (2003 vs 2013)
Fonte: Elaboração Própria baseado na IES – Banco de Portugal.

Quadro 1 | Volume de Negócios das 10 maiores empresas.

Transportes e Logística	Atividades Recreativas e Culturais	Alojamento e Restauração	Turismo	Volume Negócios das 10 Maiores Empresas
44,0%	11,0%	10,0%	22,2%	2003
43,0%	11,0%	09,0%	21,4	2013

Fonte: Elaboração Própria baseado na IES – Banco de Portugal.

No que concerne à maturidade das empresas no ano de 2013 verifica-se que 21,11% das empresas do setor do turismo tem até 5 anos, valor inferior ao total das SNF em Portugal (31% em 2014, conforme Banco de Portugal, 2015). Analisando a maturidade por segmentos verifica-se que no segmento “ARC” o peso das empresas mais “jovens” é semelhante ao valor de referência para Portugal com 29,03% e no segmento de “T&L” as empresas com idade inferior a cinco anos representam apenas 10,96% (figura 5).

As empresas com idade entre 5 e 10 anos representam 22,43% do setor do turismo face a 19,3% nas SNF Portuguesas em 2014. De notar que no segmento “ARC” esta classe de maturidade representa 32,14% em oposição ao segmento de “T&L” em as empresas com idade entre os cinco e os dez

anos representam apenas 14,74%.

No que respeita às empresas com idade entre 10 e 20 anos representam 28,99% do setor do turismo tal como nas SNF Portuguesas em 2014 (28,0%). De salientar que no segmento “T&L” as empresas com idade entre dez e vinte anos representam 45,13%.

As empresas com mais de vinte anos representam 27,47% das empresas a operar no setor do turismo valor superior ao da referência das SNF em Portugal em 2014 (21,6%). O elevado peso das empresas mais antigas verifica-se nos segmentos do “AR” e dos “T&L” com 29,18% e 29,17%, respetivamente. Importa referir que no segmento “ARC” as empresas com mais de vinte anos representam apenas 13,07%.

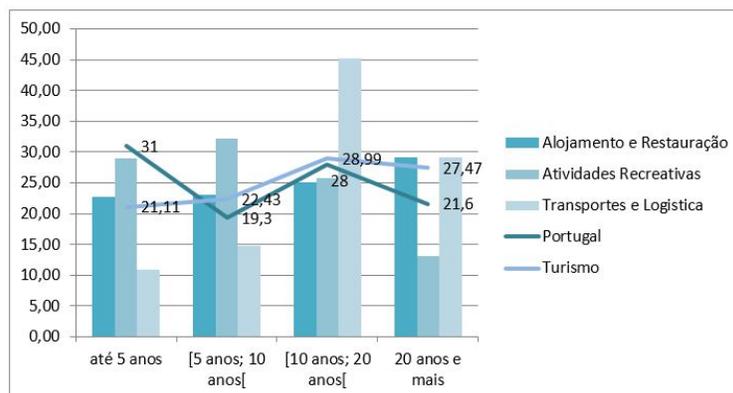


Figura 5 | Maturidade por Segmento (2013)
 Fonte: Elaboração Própria baseado na IES – Banco de Portugal.

Considerando as taxas de crescimento dos vários segmentos do turismo, entre 2003 e 2013, verifica-se que todos os segmentos seguem a tendência do setor. Em todos os segmentos, regista-se um aumento das taxas de crescimento até 2006, um abrandamento entre 2007 e 2012 e um aumento substancial no ano de 2013 (figura 6). Salienta-se que o segmento de “AR” regista taxas

de crescimento muito próximas das verificadas no setor, enquanto que o segmento de “ARC” regista taxas de crescimento muito acima das verificadas no setor. No caso do segmento de “T&L” as taxas de crescimento são as mais baixas em todo o período de análise.

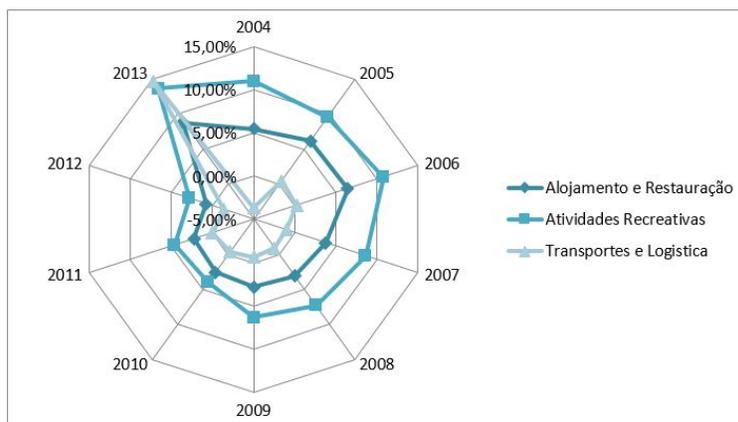


Figura 6 | Taxas de crescimento do número de empresas do Turismo por segmento (2003 a 2013)
 Fonte: Elaboração Própria baseado na IES – Banco de Portugal.

4.2. Dinâmica Empresarial

No ano de 2003 o setor de turismo apresenta uma taxa de natalidade de 5,71%. Analisando a taxa de natalidade por segmento verifica-se que o segmento de “ARC” apresenta a maior entrada de

novas empresas com uma taxa de natalidade de 10,48%, seguido do segmento “AR” (taxa de natalidade de 6,52%). De salientar o valor reduzido da taxa de natalidade no segmento de “T&L” com apenas 2,29% (figura 7).

Analisando o ano de 2013 verifica-se que no

turismo a taxa de natalidade aumentou face a 2003 (7,10% face a 5,71%) embora com valores inferiores ao registado na economia Portuguesa (8,2% segundo o Banco de Portugal, 2015). No

que respeita à análise por segmento verifica-se uma estrutura semelhante à de 2003.

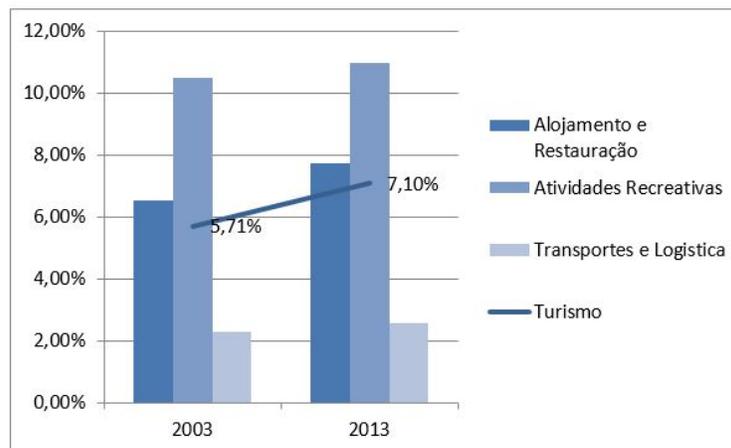


Figura 7 | Taxa Natalidade por Turismo e por segmento (2003 vs. 2013)
Fonte: Elaboração Própria baseado na IES – Banco de Portugal.

Analisando a taxa de natalidade do setor do turismo em 2003 por NUT II importa referir que a região dos Açores apresenta a taxa de natalidade mais elevada (12,09%), seguida das regiões do Centro e Norte (7,15% e 6,61%, respetivamente).

A taxa de natalidade mais baixa é registada na Área Metropolitana de Lisboa com apenas 4,22%. Esta tendência mantém-se em todos os segmentos (figura 8).

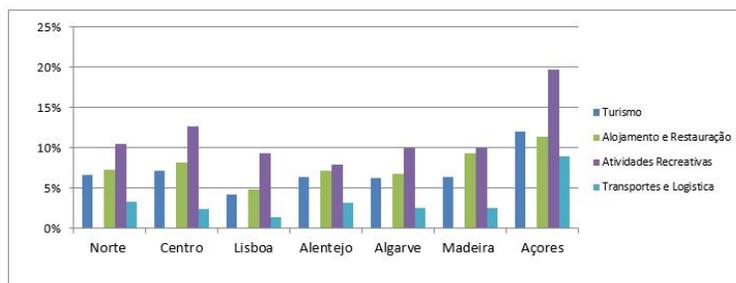


Figura 8 | Taxa Natalidade do Turismo por NUT II (2003)
Fonte: Elaboração Própria baseado na IES – Banco de Portugal.

Em 2013, a região dos Açores, tal como em 2003, apresenta a taxa de natalidade mais elevada (9,65%) seguida da região Norte (8,02%) e da região do Algarve (7,92%). A região de Lisboa, tal como em 2003, apresenta a taxa de natalidade mais baixa com apenas 6,15%. O segmento “AR”,

que representa cerca de 70% do setor, apresenta uma tendência semelhante à registada no setor. Relativamente ao segmento de “ARC” evidencia-se o Algarve com uma taxa de natalidade de 14,02%, seguida da Madeira (12,16%). Destaca-se que os Açores registam em 2013 a taxa de natalidade

mais baixa neste segmento (7,01%), sendo que em 2003 registava a taxa mais elevada com 19,67%. No segmento de “T&L” as taxas de natalidade mais elevadas registam-se, tal como em 2003, na região dos Açores (6,36%), seguida da região do

Norte com 3,08%. A taxa de natalidade mais baixa neste segmento regista-se na região do Alentejo (1,50%) (figura 9).

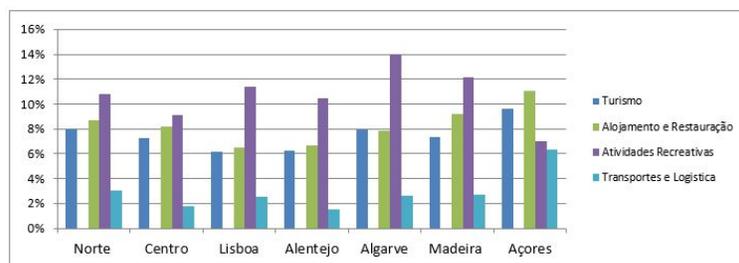


Figura 9 | Taxa Natalidade do Turismo por NUT II (2013)
Fonte: Elaboração Própria baseado na IES – Banco de Portugal.

No que respeita à saída de empresas, o setor de turismo apresenta em 2003, uma taxa de mortalidade de 0,44%. Analisando a taxa de mortalidade por segmento verifica-se que, tal como na taxa de natalidade, o segmento com valores mais elevados é o “ARC” (registando uma taxa de mortalidade de 0,60%), seguido do segmento do segmento “AR” com 0,45%, e por último o segmento de “T&L” com o valor mais reduzido de 0,36% (figura 10). No ano de 2013 a taxa de mortalidade subiu para 5,31% (face aos 0,44% verificados em 2003) mas ainda assim mais baixa que a taxa registada para as SNF Portuguesas (7,8% segundo o Banco de Portugal, 2015). Numa análise por segmentos verifica-se igualmente uma subida da taxa de mortalidade face a 2003 e mantém-se a estrutura. Consta-se que o segmento com maior índice de

concentração - “T&L” – apresenta a menor taxa de mortalidade, tal como defendido por Geroski et al. (2010), a concentração setorial facilita a sobrevivência.

Tal como esperado, os segmentos com mais altas taxas de natalidade apresentam de igual modo elevadas taxas de mortalidade (Geroski, 1995). Analisando a idade das empresas mortas importa referir que no setor do turismo 45% das empresas que encerram atividade têm menos de 3 anos. De realçar o segmento de T&L” em que 58% das empresas morre antes de atingir 3 anos de idade, em consonância com a literatura, a taxa de mortalidade é superior nos primeiros anos de atividade e depois diminui (Wagner, 1994).

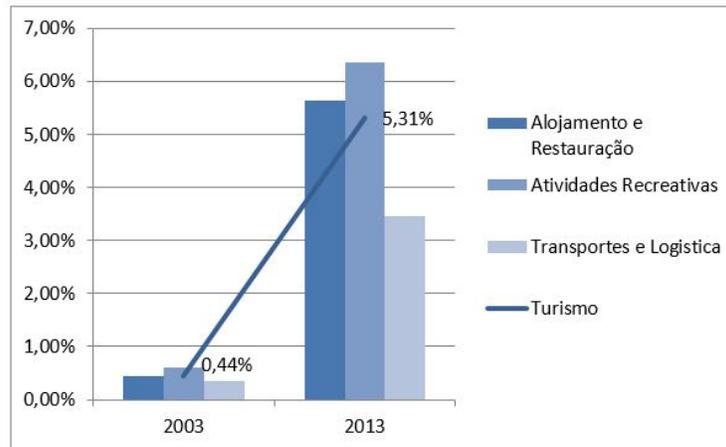


Figura 10 | Taxa Mortalidade por Turismo e por segmento (2003 vs 2013)
Fonte: Elaboração Própria baseado na IES – Banco de Portugal.

Analisando as taxas de mortalidade do setor do turismo em 2003 por NUT II verifica-se que na região da Madeira não se registaram saídas de empresas e que a região com a taxa de mortalidade mais elevada é o Alentejo (embora com valores muito baixos – apresentando uma taxa de 1,61%). Considerando os diversos segmentos, verificamos que para além da região da Madeira também a

região dos Açores não regista saídas de empresa no caso dos segmentos do “AR” e “T&L” (as 2 empresas que saíram operavam no segmento das “ARC”) (figura 11). Importa referir que estudos prévios confirmam que em Portugal as diferentes regiões apresentam distintas taxas de mortalidade (Nunes & Sarmento, 2012).

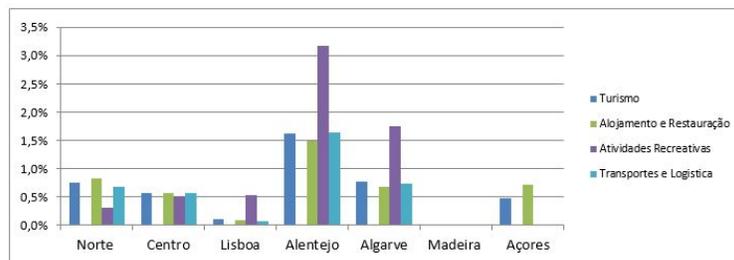


Figura 11 | Taxa Mortalidade do Turismo por NUT II (2003)
Fonte: Elaboração Própria baseado na IES – Banco de Portugal.

Analisando as taxas de mortalidade do setor do turismo em 2013 por NUT II registam-se alterações de tendência face a 2003. As regiões que apresentam taxas de mortalidade mais elevadas são a região dos Açores e região do Norte (5,98% e 5,95%, respetivamente). Em contrapartida a região que regista a taxa de mortalidade mais reduzida é a o Alentejo (4,26%). Os segmentos de

“AR” e de “ARC” registam tendências semelhantes. No caso específico do segmento de “T&L” a taxas de mortalidade mais elevadas regista-se na região da Madeira (5,71%), seguida da região do Alentejo (4,14%) e a taxa de mortalidade mais baixa verifica-se na região dos Açores (0,91%) (figura 12).

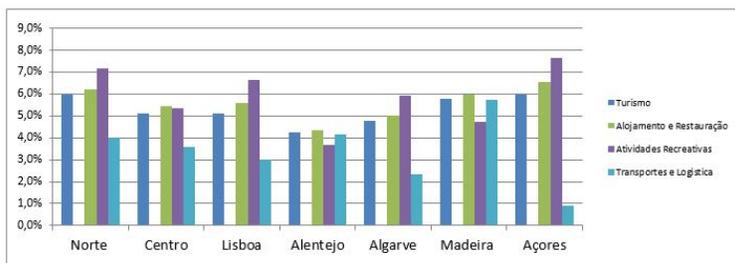


Figura 12 | Taxa Mortalidade do Turismo por NUT II (2013)
 Fonte: Elaboração Própria baseado na IES – Banco de Portugal.

No que respeita à turbulência setorial, o turismo apresenta taxas de turbulência de 6,15% em 2003 e 12,41% em 2013 (figura 13). Verifica-se que o setor do turismo regista em 2013 indicadores de turbulência inferiores aos da economia portuguesa que, segundo Banco de Portugal (2016), regista uma taxa de turbulência de 16%. O segmento com maior registo de entradas e saídas é o segmento de “ARC” (com taxas de turbulência de 11,08% e 17,35% em 2003 e 2013, respectiva-

mente) registando valores acima da média portuguesa. O segmento “AR” regista valores mais próximos das SNF Portuguesas com uma taxa de turbulência de 6,97% e 13,37% em 2003 e 2013, respetivamente. Salienta-se ainda que o segmento de “T&L” que regista valores de entrada e saída de empresas muito abaixo da média portuguesa (2,64% e 6,04% em 2003 e 2013, respetivamente).

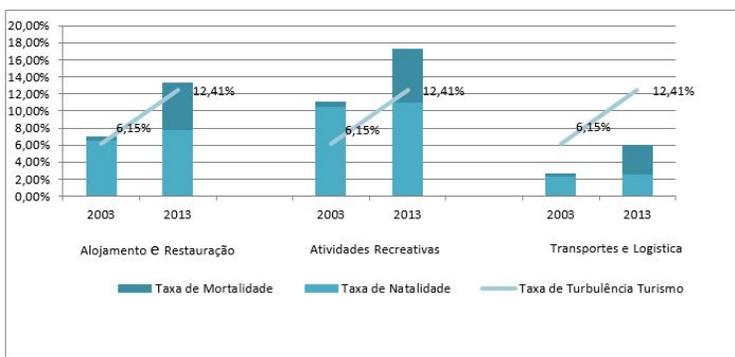


Figura 13 | Taxa Natalidade, taxa mortalidade e taxa de turbulência Turismo e segmentos (2003 vs 2013)
 Fonte: Elaboração Própria baseado na IES – Banco de Portugal.

Analisando as taxas de turbulência do setor do turismo em 2003 por NUT II verifica-se que a região dos Açores regista o maior número de entradas e saídas de empresas (taxa de turbulência de 12,56%). Em contrapartida a Área Metropoli-

tana de Lisboa é a região que regista menor taxa de turbulência (4,33%). Esta tendência verifica-se nos três segmentos de atividade (figura 14).

Relativamente às taxas de turbulência do setor do turismo em 2013 por NUT II verifica-se que a região dos Açores, tal como em 2003, regista a

taxa de turbulência mais elevada (15,63%). A região com a menor taxa de turbulência é o Alentejo (10,51%). O segmento de “AR”, que representa

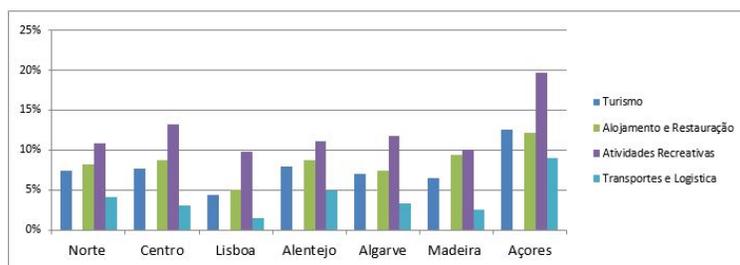


Figura 14 | Taxa Turbulência do Turismo por NUT II (2003)
Fonte: Elaboração Própria baseado na IES – Banco de Portugal.

cerca de 70% do setor, apresenta uma tendência semelhante à registada no setor. No que respeita ao segmento de “ARC” a região que apresenta a taxa de turbulência superior é o Algarve (19,93%) e a região que regista menor taxa de turbulência é o Alentejo (14,11%) seguido do Centro (14,44%). Em contrapartida no segmento de “T&L” que re-

gista o menor número de entradas e saídas de empresas do setor do turismo, verifica-se que a região da Madeira apresenta a maior taxa de turbulência (8,44%) e a região do Algarve a menor (4,97%) (figura 15).

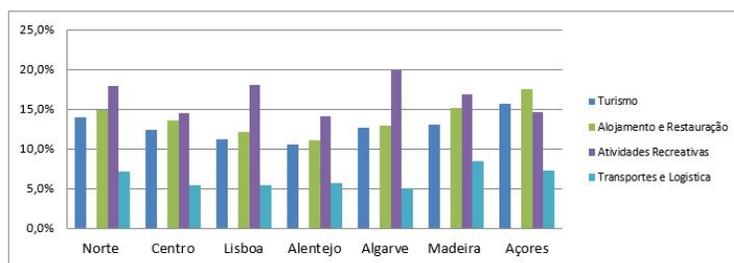


Figura 15 | Taxa Turbulência do Turismo por NUT II (2013)
Fonte: Elaboração Própria baseado na IES – Banco de Portugal.

5. Conclusão

A crescente importância do setor do turismo na economia Portuguesa revela crucial analisar o seu tecido empresarial e compreender os seus padrões de entrada e saída de empresas (Banco de Portugal, 2014). Neste sentido, esta investigação tem como principal objetivo analisar e caracterizar o setor do turismo, concretamente através do estudo da dinâmica empresarial do setor em Portugal ao longo da última década. Com base na Informação Empresarial Simplificada da Central de Balanços do Banco de Portugal, este estudo tem como principal contributo o conhecimento de indicadores de empreendedorismo empresarial do setor do

turismo e dos segmentos de atividade económica que o constituem (Alojamento e Restauração; Atividades Recreativas e Culturais; Transportes e Logística), nomeadamente o total de empresas que atuam na indústria, a densidade empresarial e dinâmica de entrada e saída de empresas.

Ao longo da última década o setor do Turismo registou um crescimento acentuado, o número de empresas cresceu 48% e o número de trabalhadores aumentou 12%. Concretamente, o setor revela uma elevada taxa de crescimento no ano de 2013 evidenciando uma recuperação face ao período de 2008 a 2012 em que apresentou um abrandamento do seu tecido empresarial. Esta tendência verifica-se nos segmentos embora com valores

bastante distintos, realçando-se que as taxas de crescimento mais reduzidas são verificadas no segmento do Transportes e Logística. As disparidades entre os segmentos de atividade que constituem o setor do turismo verificam-se também na análise dos níveis de maturidades e índices de concentração empresarial (*Hipótese de Investigação 2 - H2*).

Analisando a dinâmica empresarial do setor constatamos que a taxa de turbulência setorial do turismo apresenta valores relativamente inferiores às restantes atividades registadas na economia portuguesa. De facto, o setor do turismo revela uma taxa de natalidade inferior à média nacional (7,10% e 8,2% em 2013, respetivamente) e um total de empresas que encerram atividade inferior aos valores nacionais (5.31% e 7.8% em 2013, respetivamente). Deste modo no que refere à *Hipótese de Investigação 1 (H1)* verificamos que a *dinâmica empresarial do Turismo apresenta diversidade face à média nacional*.

Ao analisar os padrões de entrada e saídas de empresas por segmentos, no que concerne à *Hipótese de Investigação 2 (H2)* verificamos que as *diversas tipologias de atividade económicas que englobam o setor do turismo*, tais como a restauração, os transportes ou as agências de viagens, *revelam dinâmicas empresariais bastante distintas*.

O segmento das Atividades Recreativas e Culturais revela-se o mais dinâmico, apresentando uma taxa de turbulência superior à média nacional, apresentando valores de entradas de empresas acima dos valores médios nacionais (10.99%). Importa realçar o elevado peso das empresas mais jovens neste segmento, sendo que 61% destas empresas têm menos de 10 anos. No caso do segmento dos Transportes e Logística verificamos uma taxa de turbulência muito inferior à média nacional revelando um tecido empresarial caracterizado por empresas mais maduras e estabelecidas, apresentando quer níveis de entradas de empresas quer níveis de mortalidade bastante reduzidos (2.58% e 3.46%, respetivamente). A reduzida taxa de natalidade neste segmento evidencia a pouca atrati-

vidade para novas empresas e a existência de barreiras à entrada. Efetivamente neste segmento as empresas com mais de 10 anos representam cerca de 74% e os índices de concentração são bastante elevados.

Perante a especificidade do turismo e como investigação futura realça-se a importância de analisar os determinantes das entradas e saídas no setor em geral e nos segmentos em particular, bem como o estudo dos apoios ao investimento e as políticas públicas, analisando o seu impacto em cada um dos segmentos de mercado do turismo.

Referências

- Agarwal, R. (1996). Technological activity and survival of firm. *Economics Letters*, 52, 101-108.
- Agarwal, R. & Audretsch D. (2001). Does Entry Size Matter? The Impact of the Life Cycle and Thecnology on Firm Survival. *The Journal of Industrial Economics*, 49(1), 21-43.
- Aghion, P. Blundell, R. Griffith, R, Howitt, P. & Prantl, S. (2009). The effects of entry on incumbent innovation and productivity. *The Review of Economics and Statistics*, 91 (1), 20-32.
- Audretsch, D. (1991). New firms Survival and the Technological Regime. *Review of Economics and Statistics*, 73(3), 441-450.
- Audretsch, D. (1995). Innovation, growth and survival. *International Journal of Industrial Organization*, 13, 441-457.
- Archer, B. (1995). Importance of tourism for the economy of Bermuda. *Annals of Tourism Research*, 22(4), 918-930.
- Banco de Portugal (2014). *Análise do Setor do Turismo*. Lisboa: Banco de Portugal.
- Banco de Portugal (2015). *Análise Setorial das Sociedades Não Financeiras em Portugal 2010-2015*. Lisboa: Banco de Portugal.
- Banco Mundial. (2010). *Doing Business 2011: Making a Difference for Entrepreneurs*. Washington, DC: World Bank Group.
- Baptista, R., Escaria, V. & Madruga, P. (2008). Entrepreneurship, Regional Development, and Job Creation: the Case of Portugal. *Small Business Economics*, 30, 49-58.

- Barseghyan, L. (2008). Entry Costs and Cross-Country Differences in Productivity and Output. *Journal of Economic Growth*, 13, 145-167.
- Baumol, W. (1993). Formal Entrepreneurship Theory in Economics: Existence and Bound. *Journal of Business Venturing*, 8, 197-210.
- Busenitz, L.W., West, G.P., Shepherd, D., Nelson, T. & Zacharakis, E. (2003). Entrepreneurship research in emergence: past trends and future directions. *Journal of Management*, 29(3), 285-308.
- Carmichael, B. A., & Morrison, A. (2011). Tourism entrepreneurship research. *Tourism Planning & Development*, 8(2), 115-119.
- Cohen, E. (1989). Primitive and Remote: Hill Tribe Trekking in Thailand. *Annals of Tourism Research*, 16, 30-61.
- Cooper, C. (2006). Knowledge management and tourism. *Annals of Tourism Research*, 33(1), 47-64.
- Cressy, R. (1996). Are Business Startups Debt-Rationed?. *Economic Journal*, 106(438), 1253-1270.
- Davis, D., Allen, J. & Cosenza, R. M. (1988). Segmenting local residents by their attitudes, interests, and opinions toward tourism. *Journal of travel research*, 27(2), 2-8.
- Djankov, S., McLiesh, C. & Ramalho, R. (2006). Regulation and Growth. *Economics Letters*, 92, 395-401.
- Dunne, T., Roberts, M. & Samuelson, L. (1989). Patterns of Firm Entry and Exit of U.S. Manufacturing Industries. *Rand Journal of Economics*, 14, 495-515.
- Durbarry, R. (2004). Tourism and economic growth: the case of Mauritius. *Tourism Economics*, 10(4), 389-401.
- Eurostat/OECD (2007). *Eurostat/OECD Manual on Business Demography Statistics*. Luxembourg: Eurostat/OECD
- GEM (2016). *2015/16 Global Report*. London: Global Entrepreneurship Monitor.
- Geroski, P. (1995). What do we know about entry?. *International Journal of Industrial Organization*, 13(4), 421-440.
- Geroski, P., Mata J. & Portugal P. (2010). Founding Conditions and the Survival of New Firms. *Strategic Management Journal*, 31, 510-529.
- Gimmon, E. & Levie, J. (2010). Founder's human capital, external investment and the survival of new high-technology ventures. *Research Policy*, 39, 1214-1226.
- Hause, J., & Du Rietz, G. (1984). Entry, Industry Growth, and the Microdynamics of Industry Supply. *Journal of Political Economy*, 92, 733-757.
- Kibedi, G. (1979). Development of Tourism Entrepreneurs in Canada. *Tourist Review*, 34(2), 9-11.
- Kirzner, I. (1973). *Competition and Entrepreneurship*. Chicago: University of Chicago Press.
- Klapper, L., Laeven, L. & Rajan, R. (2006). Entry Regulation as a barrier to entrepreneurship. *Journal of Financial Economics*, 82(3), 591-629.
- Klapper, L., Amit, R., Guillén, M. & Quesada, J. (2007). *Entrepreneurship and Firm Formation across Countries*. Development Research Group Working Paper. World Bank, Washington, D.C.
- Lieberman, M. (1989). The learning curve, technology barriers to entry, and competitive survival in the chemical processing industries. *Strategic Management Journal*, 10, 431-447.
- Mahmood, T. (2000). Survival of Newly Founded Businesses: a Log-Logistic Model Approach. *Small Business Economics*, 14, 223-237.
- Mata, J., Portugal P. & Guimarães P. (1995). The Survival of New Plants: Start-up conditions and post-entry evolution. *International Journal of Industrial Organization*, 13, 459-481.
- Morrison, A., Rimmington, M. & Williams, C. (1999). *Entrepreneurship in the Hospitality, Tourism and Leisure Industries*. Oxford: Butterworth & Heinemann.
- Morrison, A. (2006). A Contextualisation of Entrepreneurship. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 12(4), 192-209.
- Nunes, A. & Sarmiento, E. (2012). Business demography dynamics in Portugal: a non-parametric survival analysis. In Bonnet, Jean; Dejardin, Marcus; Madrid-Guijarro, Antonia (eds.). *The Shift To The Entrepreneurial Society: A Built Economy in Education, Sustainability and Regulation* (pp.260-272). Cheltenham, UK: Edward Elgar.
- Pickering, J., Greenwood, J. & Hunt, D. (1971). *The Small Firm in the Hotel and Catering Industry. The Committee of Inquiry on Small Firms*. Research Report No. 14. London: HM Stationery Office.
- Sarkar, S. (2007). *Empreendedorismo e Inovação*. Lisboa: Escolar Editora
- Sarmiento, E. & Nunes, A. (2015). The evolution of the sectoral concentration in Portugal between 1995 and 2006: the Herfindahl-Hirschman index perspective. *Tourism & Management Studies*, 11(2), 146-158.

- Schumpeter, J., (1934). *The Theory of Economic Development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Shane, S. & Venkataraman, S. (2000). The promise of entrepreneurship as a Field of research. *Academic of Management Review*, 25(1), 217–226.
- Stallibras, C. (1980). Seaside Resorts and the Holiday Accommodation Industry: A Case Study of Scarborough. *Progress in Planning*, 13, 103–74.
- Sternberg, R. & Wennekers, S. (2005). Determinants and Effects of New Business Creation Using Global Entrepreneurship Monitor Data. *Small Business Economics*, 24(3), 193-203.
- Thomas, R. (1998). Small firms and the state. In R. Thomas (Ed.), *The management of small tourism and hospitality firms* (pp. 78-97). London: Cassell.
- Thomas, R., & Augustyn, M. (Eds.). (2013). *Tourism in the New Europe*. London: Routledge.
- Venkataraman, S. (1997). The distinctive domain of entrepreneurship research: an editor's perspective. In Katz J. et Brockhaus R. (Eds.), *Advances in entrepreneurship, firm emergence, and growth*, 3, 119-138. Greenwich, CT: JAI Press.
- Wagner, J. (1994). The Post-Entry Performance of new Small Firms in German Manufacturing Industries. *The Journal of Industrial Economics*, 42(2), 141-154.
- Webster, C. & Ivanov, I. (2014). Transforming competitiveness into economic benefits: Does tourism stimulate economic growth in more competitive destinations?. *Tourism Management*, 40, 137-140.
- Williams, A., Shaw, G. & Greenwood, J. (1989). From Tourist to Tourism Entrepreneur, From Consumption to Production: Evidence from Cornwall, England. *Environment and Planning A*, 21, 1639–1653.